

O que é uma revisão da literatura? A estrutura metodológica de revisões

- | **Leonardo Augusto Couto Finelli**
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
- | **Wellington Danilo Soares**
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
- | **Ciro Carlos Antunes**
Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

RESUMO

O presente ensaio deriva de parte das experiências dos autores, como pesquisadores, como professores de Metodologia Científica, como revisores de periódicos, assim, como da percepção sobre a necessidade de esclarecimento dos conceitos ora debatidos. Reconhecemos que estudos de revisão de literatura são elementos fulcrais da elaboração de qualquer pesquisa científica, não obstante, observamos que nem sempre a etapa, ou finalidade, da revisão produzida reconhece os princípios básicos da metodologia a que deveria atender. Nesse sentido produzimos a obra com a finalidade de sistematizar conceitos de revisão de literatura, assim como explicitar parte de suas respectivas metodologias de aplicação. Para tal, resgatamos fontes primárias sobre tal discussão metodológica, e, as complementamos com parte de nossa experiência. O material produzido sistematiza então o que é a revisão de literatura, indicando que essa pode ter finalidades distintas, como o propósito de mapear o que já se produziu sobre um tema, assim como o de analisar e sintetizar material de outras fontes. Indicamos também os princípios e delineamentos das pesquisas de revisão: narrativa, integrativa e sistemática. Longe de esgotar o tema, esperamos que a presente produção sirva de material base para utilização em sala de aula para o ensino dessa etapa tao importante de qualquer investigação que se proponha científica.

Palavras-chave: Metodologia. Pesquisa, Revisão de Literatura, Revisão Narrativa, Revisão Integrativa, Revisão Sistemática.

■ INTRODUÇÃO

A proposta desse capítulo, integra o foco da obra, a discussão sobre Revisão Bibliográfica. Para tal, considera o uso da metodologia científica para a produção de textos.

Não é incomum que qualquer produção científica considere uma revisão da literatura em sua introdução. Isso se dá porque na produção científica é necessário apresentar ao leitor qual o referencial que o autor/escritor adota para sua produção. Nesse sentido, todas as obras científicas, apresentam em sua introdução, ou em outra seção texto, a consideração do(s) autor(es) sobre os conceitos que o mesmo acolhe e reconhece para sua produção.

Todo autor sabe que iniciar uma obra você sempre trabalhoso. Não basta apenas ter as ideias, não basta apenas fazer uma pesquisa, não basta apenas querer compartilhar aquilo que entende ou aprendeu. É necessário que essa produção seja inteligível ao seu leitor, e, nesse sentido, nada mais típico em uma produção do que iniciar com uma introdução.

A introdução é a parte do artigo científico em que **o autor informa o que foi pesquisado e o porquê da investigação**. É local para precisar aspectos particulares da pesquisa, tais como a justificativa para a sua realização, a originalidade e a lógica que guiou a investigação. (PEREIRA, 2012, p. 675, grifo nosso).

A introdução considera ainda, como exposto, a apresentação dos referenciais adotados pelo autor. Isso é particularmente importante, porque na produção científica há divergência de pontos de vista, de percepções, de compreensão sobre um conceito. Tome-se um conceito qualquer, por exemplo, estresse. O mesmo foi inicialmente definido por Hans Selye, em um artigo curto, publicado na revista *Nature*, em 1936. Tal, continuou a ser pesquisado pelo autor e mereceu uma publicação mais robusta, o livro “*The stress of life*” (SEYLE, 1956), publicado em 1956. Duas obras raras, mas, clássicas, que são definidoras do conceito tão utilizado na vida pós-moderna. Da década de 1930 até a contemporaneidade o conceito de estresse foi, e continua a ser, discutido por diversos pesquisadores. Sofreu variações, mas, a ideia central ainda se remete a proposição de Seyle. No entanto por se tratarem de obras raras, e, escritas originalmente em inglês, nem sempre as mesmas são citadas nas produções hodiernas sobre o tema.

Pelo menos no Brasil, é mais comum se observar, as publicações de Maria do Sacramento Loureiro Tanganelli, Marilda Emmanuel Novaes Lipp, Maria Angélica Sadir Prieto, Milva Maria Figueiredo de Martino, entre outras(os), que produzem na língua nativa, em periódicos mais recentes, e, (em sua maioria) de acesso gratuito. Assim como estresse, diversos outros conceitos, também derivam de longas explicações, com fontes originárias, nem sempre em português, porém, nem por isso, devem deixar de ser estudadas e compor as pesquisas. Mas tais não são o escopo do presente trabalho, a digressão aqui foi para ilustrar

a necessidade de se recorrer as fontes originais, assim como para compreender as variações impressas por diferentes autores aos conceitos que são estudados na contemporaneidade.

O conceito de estresse também se associa ao conceito de *burnout*, ou, esgotamento físico e mental associados ao trabalho, muito discutido por Christina Maslach e Susan E. Jackson (autoras norte-americanas do Maslach Burnout Inventory - MBI), e atualmente debatido, no Brasil, por Mary Sandra Carlotto, Sheila Gonçalves Câmara, novamente, entre tantos outros. Observe-se que a ideia aqui não é discutir em profundidade os conceitos, mas sim, demonstrar que a variações na apresentação dos conceitos em ciências. Nesse sentido a necessidade de uma introdução para explicitar como o autor compreende cada conceito, e conseqüentemente, como o utilizará em sua obra.

Para produzir a introdução é necessário que o autor realize uma revisão da literatura, e, assim, consiga compreender melhor o que há de mais atual na área em que pretende escrever. Nesse resgate e estruturação do material, é importante reconhecer as origens e variações dos conceitos. Assim como compreender, as metodologias (e, eventualmente, instrumentos) que levaram a atual configuração do conceito adotado.

No entanto, na atualidade da produção científica, há demandas crescentes de produção e publicação. O clima acadêmico da produção científica considera o mote “*publish or perish*”, que determina a necessidade de se produzir, mais e mais. Perdeu-se parte do interesse pela qualidade, já que há metas de produção e publicação na academia/centros de pesquisa. Não que a qualidade tenha deixado de ser importante, mas, há real necessidade de publicar, em função da competição por fundos de pesquisa, índices de citação, etc. (SPINAK, 2013).

Frente a essa realidade pesquisadores aprenderam, há muitos anos, a fracionar sua produção em artigos parciais. Posso estar equivocado, mas lembro que nos anos 1990, tal o processo iniciou-se nos programas de pós-graduação, em especial mestrado doutorado. Naquela época, uma pesquisa em um programa de pós graduação *Stricto Sensu* leva tempo para ser “embrionada”, “gestada” e “parida”. Durante o período de uma produção densa, como uma de um programa *Stricto Sensu*, em que os mestrados tinham duração de 4 anos, não havia muito prazo para o autor se desviar do foco de seu trabalho. Porém, ao mesmo tempo, o pesquisador não podia ficar de fora do ciclo de reconhecimento nos meios científicos.

Era necessário que os pesquisadores apresentassem suas produções nas associações, sindicatos, agrupamentos, e outros, que produziam eventos científicos para a divulgação dos trabalhos atuais. Mas como se manter produzindo, e, ser popular nesses eventos, se sua produção se encontrava em processo de elaboração? Uma solução elegante foi encontrada, a produção de resultados parciais, e ainda outra, a apresentação dos aspectos de revisão que foram sistematizados para introdução trabalho.

Se houve outra origem desconheço, mas essa, foi, e continua a ser, uma estratégia elegante para ampliar a publicação dos autores. O professor Renato Mezan já a denunciava desde os idos de 1996 (MEZAN, 1996). Na realidade já era uma atividade de certa forma institucionalizada, já que todo pesquisador tinha um trabalho enorme em realizar uma revisão bibliográfica adequada para construir sua introdução. Então, aquela passou a ser uma atividade para apresentação de dados parciais em resumos, pôsteres, mesas, e, até conferências, apresentados em congressos. Tal forma de produção começou a ganhar corpo, foi replicada e ganhou importância acadêmica.

De pequenas apresentações começaram a ganhar espaço como resumos em anais que cresceram para resumos expandidos, e continuaram nesse processo se tornando publicações sistematizados. Para tal, passaram a assumir uma perspectiva de uma estrutura metodológica que estabelecia o estado da arte com resultado em si mesmo. Nasceram então os diversos estudos de revisão bibliográfica com metodologia organizada.

Atualmente, tais produções recebem os mais variados nomes: um estudo de revisão, estado da arte (ISOTANI *et al.*, 2009), revisão de literatura (COSTA; FINELLI, 2016; MIRANDA; FERREIRA, 2009), revisão bibliográfica (FRANÇA; MATTA; ALVES, 2012), levantamento bibliográfico (FINELLI; GOMES, 2015; MORAIS; ASSUMPÇÃO, 2012), revisão narrativa (ELIAS *et al.*, 2012), revisão sistemática (DEPAEPE; VERSCHAFFEL; KELCHTERMANS, 2013), revisão integrativa (SOBRAL; CAMPOS, 2012; MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019), revisão crítica (ARAÚJO; FINELLI, 2017) análise da literatura, análise da produção científica, entre outros. Tais figuram os mais diversos periódicos, e servem de base para pesquisas mais introdutórias sobre cada tema, já que apresentam aos neófitos um trabalho parcial de busca pela revisão já realizadas por outrem.

Nessa perspectiva, explicito os caminhos metodológicos de cada uma. Início com a mais clássica revisão de literatura.

Revisão de literatura:

[...] é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos (USP, 2022, s. p.).

Nesse sentido a revisão da literatura pode ser reconhecida como um estudo secundário. Tal visa reunir estudos semelhantes, publicados em periódicos reconhecidos, ou não, de modo a agrupar as informações sobre um determinado tema. A revisão de literatura combina os resultados de vários estudos independentes de modo a organizar a produção e definições de conceitos sobre um dado tema (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

Esses os estudos permitem a compreensão do movimento histórico da área, assim como a configuração que o conceito recebe ao longo do tempo. Indica também as propensões teóricas metodológicas, tendências, recorrências e lacunas que se configuram no entorno do tema. Tais estudos organizam, esclarecem e resumem as principais obras em uma área (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Apesar de serem oriundas das mais distintas áreas, todas as pesquisas científicas são referenciadas no método reconhecido pela academia. Assim, levam os pesquisadores, em seu processo de formação, por diversos caminhos. De modo geral, tais podem ser reunidos em dois grandes grupos de revisões, as que mapeiam; e, as que avaliam e sintetizam (USP, 2022).

Estudos de revisão de mapeamento

O Levantamento Bibliográfico, é o exemplo prototípico desse tipo de revisão. Essa busca reconhecer (levantar) todas as referências encontradas sobre um determinado tema (CERVO; BERVIAN, 2006). Via de regra, não há grande sistematização metodológica proposta *a priori* para a realização desse tipo de pesquisa. Normalmente, tal tipo de estudo estabelece uma, ou um pequeno conjunto de, palavra(s)-chave(s), que é utilizada nos buscadores de diferentes sítios eletrônicos, assim como diversas bibliotecas online, e reúne materiais de diversos formatos (livros, dissertações, teses, revistas, vídeo, etc.) que contribuam para um primeiro contato com o objeto de estudo investigado. No passado, tais levantamentos eram realizados em fichas de papel, e, atualmente, este processo é facilitado com a utilização da Tecnologia da Informação e Comunicação – TICs, por meio de editores de texto ou planilhas eletrônicas, ou por *softwares* de manejo de referências específicos (como o Mendeley, EndNote, ReadCube Papers, EasyBib, Zotero, entre diversos outros¹) (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014; COSTA; FINELLI, 2016).

Alguns levantamentos, apesar de manterem esse nome, vão além da proposta básica de reunião de material. Tais, produzem uma discussão sobre o material levantado em forma de ensaio teórico, ou discussão crítica. Tais poderiam ser caracterizadas como Revisão de Literatura (MIRANDA; FERREIRA, 2009); Revisão Bibliográfica (FRANÇA; MATTA; ALVES, 2012), ou Análise Crítica (ARAÚJO; FINELLI, 2017). Nesses casos, além de levantar a produção bibliográfica, há a um problema norteador da pesquisa, que permite a contextualização e análise de parte das possibilidades da literatura. Nessas produções o material coletado é

¹ De modo geral, os Reference Management Software, ou aplicativos de manejo de referência, ou, gerenciadores de referência, em tradução livre, são programas computacionais que gravam citações e/ou referências bibliográficas, para que pesquisadores/autores utilizem a qualquer momento na geração de bibliografias como lista de referências em livros, artigos e trabalhos científicos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2019).

organizado (por procedência, como tipo de fontes científicas - artigos, teses, dissertações – ou por fontes de divulgação de ideias - revistas, sites, vídeos etc. – ou ainda por ano de publicação, determinação dos conceitos, ou outras a critério do(s) autor(es)), e é analisado, a partir da pergunta de pesquisa proposta. Como resultados é possível a elaboração de ensaios que favorecem a contextualização parcial do problema construído (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Tais estudos podem constituir, também, os chamados estudos do estado da arte, ou Revisão Narrativa (ELIAS *et al.*, 2012). Dessa forma, resgatam as relações de produções anteriores, em que se identifica temáticas recorrentes e apontam novas perspectivas para a construção de orientações para a definição dos parâmetros de formação de conceitos. Tais, analisam as produções bibliográficas em determinada área e expõem o “estado da arte” sobre determinado tópico ou conceito de modo a evidenciar novas ideias, métodos, ou subtemas de pesquisa que têm recebido maior ênfase na literatura selecionada (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

As pesquisas do tipo estado da arte focam sua análise na problematização e metodologia, com a finalidade de mapear uma lacuna sobre o assunto. Assim, o(s) novo(s) autor(es) podem preencher a mesma com sua produção, ou abrir caminhos para novas produções sobre esses temas (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

Estudos de revisão: avaliação e síntese

Neste grupo de trabalhos de revisão encontram-se as revisões sistemáticas, revisões integrativas, síntese de evidências, metassínteses, meta-análises, e, metassumarizações, entre outras (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014). Tais se distinguem das revisões que mapeiam ao estabelecer metodologia mais robusta para a busca e análise do material triado. Via de regra, estabelecem na formulação do problema de pesquisa as estratégias de investigação, nos métodos a exigência de critérios para inclusão e exclusão dos estudos (fundamentalmente primários²), e como resultados, a análise sistematizada do material acessado (ou de parte desse, quando o volume é muito grande, mas que foi selecionado

2 Em uma pesquisa bibliográfica a busca de fontes confiáveis e concretas fundamenta o trabalho a ser realizado. As fontes de uma pesquisa podem ser classificadas em: fontes primárias: que são informações diretas, produzidas pelo próprio pesquisador, deve contemplar a bibliográfica básica (Ex.: artigos, teses, anais, dissertações, periódicos e outros); fontes secundárias: são fontes complementares, produzidas por leitores das fontes primárias, e tem a função de facilitar o uso do conhecimento anteriormente desordenado, que passa a ser organizado pelos novos autores, normalmente são produzidas por esses segundos autores em novas produções que se valem das definições que foram extraídas das fontes primárias (Ex.: enciclopédias, dicionários, bibliografias, bancos de dados, livros, compêndios, handbooks, e outros); fontes terciárias: são sistematizações que resumem obras de fontes primárias, secundárias e outros, consideram novas investigações sobre trabalhos já produzidos, replicação de pesquisas, etc. (Ex.: catálogos de bibliotecas, diretórios, revisões de literatura e outros) (SOUZA; OLIVEIRA; ALVES, 2021).

por uma série de critérios claramente estabelecidos na metodologia, por exemplo, serem as fontes com maior número de citações, entre outros.

(Estes estudos) [...] buscam identificar as condições em que determinadas evidências ocorrem e a possibilidade de identificação de padrões de ocorrência. [...] (Tais) partem de uma questão central de pesquisa, bem delimitada e buscam identificar pesquisas que utilizam fontes primárias que procuraram responder o mais próximo possível da questão formulada pelo pesquisador. Na definição dos critérios de inclusão e exclusão de artigos é importante a presença de indicadores de avaliação quanto à proximidade e distanciamento da questão formulada, que poderíamos definir como critérios temáticos de proximidade; mas também são necessários critérios de inclusão e exclusão sobre a qualidade metodológica explicitada no estudo, que poderíamos definir como critérios metodológicos de inclusão ou exclusão das pesquisas inventariadas. (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014, p. 175-176).

São estudos secundários que uma vez selecionados os artigos, o foco central da análise é a sistematização dos resultados dos estudos primários. Essas publicações consideram em suas introduções a contextualização e problematização da questão investigada. Alguns também apresentam a teoria dos conceitos que foram abordados no problema de pesquisa, ou sistematizam a discussão de autores primários sobre a conceituação do tema em análise.

O processo de análise do material coletado se dá em oito fases: (1) **Objetivo**: análise do objetivo do estudo apresentado no artigo, considerando se o objetivo focaliza a questão definida para a revisão; (2) **Estratégia de Busca**: identificação no texto de palavras-chaves que deveria comportar o estudo em questão; (3) **Avaliação da Qualidade**: considerando a avaliação do estudo a partir de indicadores externos (por ex. qualis) ;(4) **Leitura dos Estudos**: leitura atenta do estudo para identificar os problemas levantado pelos autores; (5) **Determinação da Relação Entre os Estudos**: verifica a relação dos estudos no que se refere ao tema em investigação; (6) **Tradução**: considera a identificação de similaridades e/ou diferenças entre os estudos investigados; (7) **Síntese da Tradução**: elaboração de sínteses que contemplem as semelhanças analisadas, assim como considerar suas explicações; (8) **Explicitação da Síntese**: com a exposição dos resultados da análise realizada a partir da elaboração de novos modelos e esquemas dos resultados sintetizados. (TONDEUR *et al.*, 2011, p. 3 em tradução livre e grifo nosso).

Tal organização pode aparecer de outras formas em estudos similares de metassíntese, com agrupamentos em números de fases/etapas distintas, mas que sintetizam, mais ou menos a mesma proposta, como as dos trabalhos de Casarin e colaboradores (2020); Galvão e Ricarte (2019); Luz e Machado (2022), entre outros que também determinam os termos e etapas utilizados para a revisão sistemática.

Para a realização da codificação necessária para análise, é possível, hodiernamente, a utilização de *softwares* orientados para tratamento de dados³ graças aos desenvolvimentos das TICs. Tais permitem a recuperação rápida de extratos codificados no texto, para a criação de categorias e subcategorias de análise, ou para a confecção de redes de relação entre os códigos, categorias e extratos de dados de pesquisas qualitativas, ou a sistematização e análises estatísticas robustas de dados quantitativos (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014; SCHLOSSER; FRASSON; CANTORANI, 2019).

Os estudos de revisão sistemática, revisão integrativa, síntese de evidências qualitativas e meta-síntese qualitativa se valem de nova interpretação das evidências encontradas nos resultados de estudos primários, tanto de ordem qualitativa quanto quantitativa, que aparecem nas bases de dados de periódicos. Seu foco de análise deriva dos novos problemas de pesquisa postos, e se valem dos dados ou das conclusões extraídas a partir da análise empreendida. Assim, oferecem uma nova interpretação das evidências já publicadas, mesmo que essas derivem de instrumentos de coletas e/ou participantes distintos (o que torna difícil a agregação ou contabilização de resultados).

Para a análise da qualidade metodológica de um estudo, algumas questões podem orientar o trabalho do pesquisador de uma revisão de avaliação e síntese. Por exemplo, se a pesquisa é qualitativa? Ou quantitativa? O problema de pesquisa foi claramente definido? Justifica-se o uso da abordagem metodológica selecionada? A abordagem metodológica é capaz de responder ao problema de pesquisa? O contexto do estudo é clara e adequadamente definido? O papel do pesquisador é clara e adequadamente definido? O universo ou a população são clara e adequadamente definidos? O universo ou a população são adequados para responder ao problema de pesquisa? O método de amostragem é clara e adequadamente definido? A estratégia de seleção da amostragem é clara e adequadamente definida? O método de coleta de dados é clara e adequadamente definido? O método de coleta de dados é apropriado para a questão investigada? O instrumento foi clara e adequadamente descrito? O instrumento é capaz de coletar informações que respondam (pelo menos em parte) ao problema de pesquisa? O método de análise dos dados é clara e adequadamente definido? A análise empreendida é apropriada para a questão de pesquisa proposta? As conclusões são embasadas em evidências suficientes? (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014).

3 Por exemplo, para as análises qualitativas são usados os Computer-Aided Qualitative Data Analysis Software – CAQDAS, ou softwares de análise de dados qualitativos, em tradução livre, como: AQUAD 7; Cassandre; Digital Replay System; Iramuteq; KH Coder; KNIME; TranscriberAG; Textométrie; Nvivo; Atlas.Ti; entre outros (SCHLOSSER; FRASSON; CANTORANI, 2019). Já para a análise de dados quantitativos, existem tantos outros como o Anati Quanti; DataMelt; KNIME Analytics Platform; OpenRefine; Orange; SAP; SPSS; R; Tableau Public; Trifacta Wrangler.

Como indicado, há vários tipos de revisão. Tais se distinguem de acordo com o método de sua elaboração, se mais ou menos rigoroso. Assim, as principais metodologias de revisão podem ser classificadas em suas diversas formas. Dentre as elencadas, destacam-se:

Revisão Narrativa

A revisão narrativa trata da mais tradicional forma de revisão. Essa apresenta uma temática mais aberta, de busca da literatura, mas, normalmente, sem uma questão de pesquisa bem definida. Dessa forma não demanda o estabelecimento de uma metodologia de busca de material e/ou de sua análise muito rígida ou robusta. Por exemplo, a busca de fontes não é pré-determinada, não utiliza critérios explícitos e sistemáticos, e não abrange a totalidade da produção sobre o tema. De modo similar, a seleção do material a ser triado se dá por conveniência, de forma arbitrária, o que leva, necessariamente a um viés de seleção que é impactado pela subjetividade do pesquisador. O mesmo tipo de viés da subjetividade do autor se aplica as análises realizadas, já que não conta com metodologia metódica para sua realização, assim os resultados e interpretações também são impregnados pela subjetividade do autor. Ainda assim, tal proposta adequa-se a fundamentação teórica de produções que não demandam grande ordenamento do material de base (USP, 2022).

Revisão Integrativa

Para esse tipo de revisão já existe um trabalho mais elaborado de busca e análise da literatura. Tal é mais ampla e conta com uma pergunta de pesquisa inicial, que leva a busca da revisão, assim conta com a integração de discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, e produz novas considerações sobre o material analisado, e, em geral, indicam caminhos para a realização de novas pesquisas futuras (USP, 2022).

Tal delineamento de pesquisa busca um conhecimento profundo sobre um determinado tema/conceito a partir da reflexão sobre produções anteriores sobre o mesmo. Para tal, vale-se de um padrão metodológico rigoroso, com clareza de procedimentos, e que possibilitam a replicação da investigação. Dessa forma, possibilita que o leitor consiga retrazar o caminho percorrido pelo autor, de modo a encontrar as mesmas produções acessada, assim como replicar a metodologia de análise, o que o levaria as mesmas considerações quanto aos resultados. Tal organização possibilita que se realize generalizações sobre o fenômeno investigado a partir da integração do conhecimento do material que foi analisado na revisão. Esse delineamento reconhece ainda que o “material base” (textos analisados) apresenta suas respectivas limitações, assim pondera sobre os caminhos de tomada de decisão com relação ao fenômeno investigado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Nesse sentido, a revisão integrativa é reconhecida como um procedimento amplo, que permite a inclusão, para a análise, de diversos tipos de pesquisas realizadas com metodologias distintas (como estudos experimentais e quase-experimentais, assim como dados de literatura teórica e empírica), o que lhe imprime maior compreensão sobre o tema de interesse. Tal diversidade de diferentes delineamentos de pesquisas pode promover mais dificuldade para o novo autor realizar suas análises, porém, lhe oferecem também maior variedade de dados o que pode aumentar a profundidade e abrangência das conclusões da revisão. Seu autor pode realizá-la com distintas finalidades, como por exemplo: integrar a definição de conceitos; revisar teorias ou metodologias; dialogar com autores distintos (ou fazê-los dialogar entre si, indicando as convergências ou diferenças de suas produções quanto a um tema/conceito); entre outros. Devido às possibilidades amplas de organização da amostra, assim como a pluralidade de finalidades desse método o mesmo acomoda resultados amplos de conceitos; teorias; ou problemas complexos de uma dada área de investigação (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; 2019).

Revisão Sistemática

Por fim, a revisão sistemática contempla o ápice da organização do delineamento metodológico. Essa deve ser, necessariamente, metódica, explícita e passível de reprodução. Assim adequa-se a grandes projetos de estudo que podem lidar com mudanças de rumos nas investigações em função da identificação de novos métodos de pesquisa reconhecidos como mais indicados para a área. Nesse sentido, parte do levantamento da produção científica disponível para construir novas linhas de pensamentos, assim, articula as informações de diversas fontes em torno de um problema de pesquisa (em geral teórico) para a produção de novos resultados sobre o que se deseja conhecer. Assume, via de regra, caráter descritivo-discursivo, e devido à sua clara estruturação metodológica deve possibilitar a reprodutibilidade da investigação que leva a resultados de síntese, que se constituem em pesquisas a partir de si mesmas devido ao seu rigor metodológico.

A revisão sistemática costuma ser um passo em avanço à revisão narrativa, pois seu rigor metodológico compensa as lacunas deixadas pela inconclusão da mera exposição da segunda. A revisão sistemática possibilita “resumir os dados existentes, refinar hipóteses, estimar tamanhos de amostra e ajudar a definir agendas de trabalho futuro considerados como seus sujeitos” (MEDINA; PAILAQUILÉN, 2010, p. 7).

Em termos de sua organização e delineamento é considerada como estudo observacional retrospectivo, ou, como estudo experimental de recuperação e análise crítica da literatura. Assim, apresentam um problema de pesquisa claramente determinado, o que possibilita o estabelecimento de objetivos claros de levantar, reunir, avaliar criticamente dados (como a

metodologia utilizada ou os resultados) de diversos estudos primários que são sintetizados de modo a testar as hipóteses previamente formuladas para a investigação. Para tal, vale-se de estratégias de busca, de fontes primárias, com critérios justificáveis, a partir do problema e objetivos, para a inclusão e exclusão do material primário triado. Além disso, considera ainda, uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada (avalia a qualidade dos textos primários, identifica a conceituação produzida nesses, compara os dados e as análises estatísticas produzidas, conclui sobre a adequação dos dados para responder ao novo problema de pesquisa, e, indica fragilidades que determinem novos problemas/questões que necessitam ser estudados). Em sua execução utiliza métodos sistemáticos e explícitos para recuperar, selecionar e avaliar as informações (metodologias ou resultados) de estudos relevantes. Nesse sentido, é reconhecida como a evidência científica de maior grandeza, e, conseqüentemente, é indicada na tomada de decisão do projeto maior que a origina, por ser reconhecida como uma pesquisa original (VOSGERAU; ROMANOWSKI, 2014; USP, 2022).

■ CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento de metodologias de pesquisa promove que investigadores sistematizem suas produções, o que imprime a essas o caráter do reconhecimento científico, necessário na academia. A demanda crescente de produção levou, e continua a levar, estresse a pesquisadores e autores, que no processo de atendimento de prazos, são levados a produzir, a cada vez mais, sem a devida reflexão sobre sua produção. Não há tempo para novos aprendizados, tomados como secundários, associados a estruturação metodológica, assim a produção é realizada a partir da crença de seus autores, o que leva a vieses de pesquisa e, conseqüentemente, reduzem o potencial da produção.

É imprescindível vincular o conhecimento oriundo de pesquisas à prática. Não obstante, a construção desse conhecimento requer a reflexão ponderada que só a rigorosa ponderação sobre a metodologia pode proporcionar. Alcançar resultados é sempre bom, mas possibilitar que novos autores repliquem a pesquisa inicial e julguem os pontos centrais da produção, assim como sobre suas limitações só promove o crescimento científico, tanto de autores, como de leitores.

Nesse sentido, reconhecemos que as revisões de literatura são etapa imprescindível da produção científica. No entanto, apesar de sua aparente simplicidade, por se tratar de etapa inicial de aproximação do tema/conceito da pesquisa, essa, se não realizada de forma adequada pode levar a perda de tempo e recursos do pesquisador. Por outro lado, se considerada de forma adequada, pode levar a busca de metodologias robustas que promoverão novos resultados a partir das investigações em fontes primárias. Essas já serão produções reconhecidas como originais em si mesmas, o que possibilita o atendimento das demandas

de produção, assim como o tempo para o amadurecimento do pesquisador e da pesquisa que podem evoluir em parceria unívoca.

O objetivo final desse ensaio foi compartilhar conceitos importantes para o desenvolvimento de ferramentas para melhorar a qualidade dos cuidados metodológicos estabelecidos na produção de novos empreendimentos de pesquisa. Espera-se que os apontamentos e reflexões aqui apresentados contribuam para o esclarecimento de conceitos que ainda podem ser confusos para novos pesquisadores, e assim os auxiliem a avançar em suas produções.

■ REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Y. G.; FINELLI, L. A. C. Legislação para atendimento a pessoas com necessidades educacionais específicas no Brasil: uma análise crítica. **Revista Bionorte**, v. 6, n. 1, p. 55-74, fev. 2017.

CASARIN, S. T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health*. **J. nurs. health.**, v. 10, n. esp., e20104031, 2020.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2006.

COSTA, T. O.; FINELLI, L. A. C. Percepção sociohistórica acerca dos portadores de sofrimento mental: uma revisão da literatura. **Revista Bionorte**, v. 5, n. 1, p. 11-24, fev. 2016.

DEPAEPE, F.; VERSCHAFFEL, L.; KELCHTERMANS, G. Pedagogical content knowledge: a systematic review of the way in which the concept has pervaded mathematics educational research. **Teaching and Teacher Education**, v. 34, p. 12-25, 2013.

ELIAS, C. S. R.; SILVA, L. A.; MARTINS, M. T. S. L.; RAMOS, N. A. P.; SOUZA, M. G. G.; HIPÓLITO, R. L. Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **SMAD: Revista Electrónica en Salud Mental, Alcohol y Drogas**, v. 8, n. 1, p. 48-53, 2012.

FINELLI, L. A. C.; GOMES, E. A. Efeitos da toxicomania para as famílias dos usuários: levantamento da literatura. **Revista Bionorte**, v. 4, n. 1, p. 9-15, fev. 2015.

FRANÇA, C. L.; MATTA, K. W.; ALVES, E. D. Psicologia e educação a distância: uma revisão bibliográfica. **Psicologia: Ciência & Profissão**, v. 32, n. 1, p. 4-15, 2012.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

ISOTANI, S.; MIZOGUCHI, R.; BITTENCOURT, I. I.; COSTA, E. Estado da arte em web semântica e web 2.0: potencialidades e tendências da nova geração de ambientes de ensino na internet. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 17, n. 1, p. 30-42, 2009.

LUZ, V. S.; MACHADO, C. C. Metassíntese Qualitativa: organização do conhecimento científico no contexto da formação de professores de Matemática que atuam na EPJA. **Revista Internacional De Pesquisa Em Educação Matemática**, v. 12, n. 4, p. 1-16, 2022.

MEDINA, E. U.; PAILAQUILÉN, R. M. B. A revisão sistemática e a sua relação com a prática baseada na evidência em saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 4, p. 1-8, jul./ago. 2010.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-64, out./dez. 2008.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Uso de gerenciador de referências bibliográficas na seleção dos estudos primários em revisão integrativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 28: e20170204, 2019.

MEZAN, R. Contra o “minimalismo” no mestrado. **Psicanálise e Universidade**, São Paulo, n. 4, p. 65-70, 1996.

MIRANDA, L. M.; FERREIRA, S. F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, n. 29, p. 383-395, abr./jun. 2009.

MORAIS, J. F. S.; ASSUMPÇÃO, R. P. S. Olhares para a produção bibliográfica sobre educação física escolar: algumas reflexões a partir de um levantamento bibliográfico. **Acta Scientiarum: Education**, v. 34, n. 1, p. 121-128, 2012.

PEREIRA, M. G. A introdução de um artigo científico. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 21, n. 4, p. 675-676, out./dez. 2012.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Rev. bras. fisioter.**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007.

SCHLOSSER, D. F.; FRASSON, A. C.; CANTORANI, J. R. H. *Softwares* livres para análise de dados qualitativos. **R. Bras. Ens. Ci. Tecnol.**, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 539-550, jan./abr. 2019.

SELYE, H. A Syndrome produced by Diverse Nocuous Agents. **Nature**, v. 138, n. 32, 1936.

SELYE, H. **The stress of life**. Manhattan (Nova York): McGraw-Hill, 1956.

SPINAK, E. Ética editorial e o problema do autoplágio [online]. **SciELO em Perspectiva**, 2013. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2013/11/11/etica-editorial-e-o-problema-do-autoplagio/> Acesso em: 20 set. 2022.

SOBRAL, F. R.; CAMPOS, C. J. G. The use of active methodology in nursing care and teaching in national productions: an integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 1, p. 208-218, 2012.

SOUZA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TONDEUR, J.; BRAAK, J. V.; SANG, G.; VOOGT, J.; FISSER, P. OTTENBREIT-LEFTWICH, A. Preparing pre-service teachers to integrate technology in education: a synthesis of qualitative evidence. **Computers & Education**, v. 59, n. 1, p. 1-11, 2011.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Instituto de Psicologia – Biblioteca Dante Moreira Leite. **Revisão**. Verbetes apresentados no sítio da Biblioteca da USP. Disponível em: <https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/> Acesso em: 22 set. 2022.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.